

O Enfermeiro ESMO e a dor em obstetrícia

Autores: Teresa Isaltina Gomes Correia*, Ana Luiza Silva de Moulaz **

* Instituto Politécnico de Bragança- Escola Superior de Saúde. Professora Coordenadora, teresaicorreia@ipb.pt; **Instituto Politécnico de Bragança – Universidade de Lisboa. Enfermeira especialista em ESMO. Estudante de doutoramento em Enfermagem, anamolaz@gmail.com.

27 - 28
Nov 2020

Introdução: O medo do parto vaginal, frequentemente relacionado com a dor, contribui para a situação obstétrica contemporânea em Portugal, que apresentou 33,1% dos nascimentos através de cesariana, em 2016. O estudo da dor em obstetrícia tem a responsabilidade de desmistificar a supervalorização do medo da dor e as suas repercussões, principalmente no final da gestação com a proximidade do parto². Desta forma, o controlo da dor em obstetrícia é, também, uma importante ferramenta para a humanização do parto e nascimento, como preconiza a OMS³.

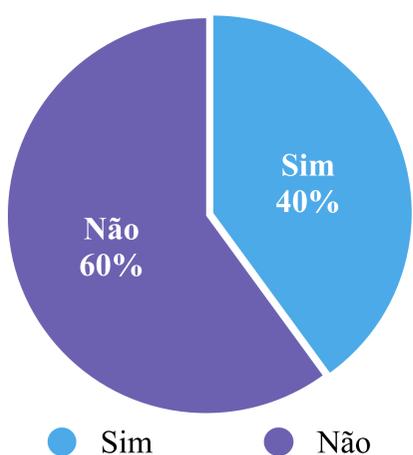
Objetivo: Identificar a informação dos Enfermeiros ESMO acerca das técnicas não farmacológicas no controlo da dor em obstetrícia; Identificar a prevalência de aplicação das técnicas não farmacológicas no controlo da dor em obstetrícia.

Métodos: Estudo transversal e correlacional, com uma amostra de 57 enfermeiros, de dois serviços de obstetrícia no Norte de Portugal. Foram excluídos os questionários incompletos, restando para a análise final 25. Foi aplicado um questionário adaptado de Sousa, (2009), constituído por duas partes: a primeira dizia respeito às variáveis independentes e a segunda à informação dos enfermeiros sobre as técnicas não farmacológicas (TNF) no controlo da dor. A análise estatística foi realizada no programa *Numbers da Mac*, versão 5.1.

Resultados: Relativamente aos enfermeiros especialistas, 60% deles possuem formação específica sobre a dor e TNF, enquanto 40% deles não obteve nenhum tipo de formação específica até o momento da investigação.

Entre os que não possuem formação específica, cerca de 13% aplica sempre as TNF, aproximadamente 53% aplica, em pelo menos, 50% das parturientes e cerca de 33% nunca aplica TNF.

Gráfico 1 - Formação específica sobre dor e técnicas não farmacológicas de controlo da dor



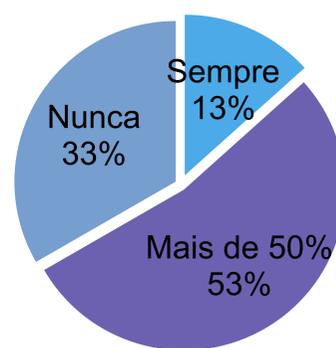
Discussão: Pode-se observar por estes dados que, ainda que o Plano Nacional de Controlo da Dor, trouxe, em 2008, a sensibilização das Escolas Superiores de Enfermagem para a necessidade de melhorar a formação, pré e pós-graduada, na abordagem da dor⁵,

60% dos participantes deste estudo não foram contemplados com nenhuma formação específica sobre dor e técnicas não farmacológicas de controlo da dor. Seja durante a graduação, especialização ou em cursos de atualização em obstetrícia, esta parcela dos profissionais não foi preparada para lidar com a dor no trabalho de parto com o uso das técnicas não farmacológicas.

Por outro lado, é importante salientar que, mesmo sem a formação específica relacionada com a dor, a percentagem da utilização das técnicas não farmacológicas é significativa, apesar de limitada. Significativa, pois 76% refere o uso das TNF em pelo menos 50% das utentes, que seria o ideal segundo a OMS¹.

Mais uma vez, corroborando com a premissa de que o Enfermeiro ESMO é fundamental e necessário para a Humanização do Parto e Nascimento proposta pela OMS², não só pelo conhecimento técnico-

Gráfico 2 - Frequência da aplicação das TNF pelos Enfermeiros ESMO



científico, mas, também, pelo seu olhar diferenciado com o foco nas necessidades apresentadas pela mulher em trabalho de parto⁴.
Conclusões: Ainda que seja uma diretriz do Plano Nacional de Controlo da Dor, a maioria dos especialistas não foi contemplada com a formação, competências ou atualização sobre a dor nem sobre a aplicação das TNF. É importante reforçar a temática sobre o controlo da dor e as TNF nos currículos dos cursos de licenciatura e pós-graduação e na formação contínua nos serviços.

Descritores: enfermeiros especialistas; formação; técnicas não farmacológicas; controlo da dor; obstetrícia.

Referências: 1- Martensson, L.; Mcswiggin, M.; Mercer, J. US Midwives' Knowledge and Use of Sterile Water Injections for Labor Pain. *Journal of Midwifery & Women's Health*. American College of Nurse-Midwives. 2008; 53 (2); 2- Ministério da Saúde. Humanização do parto e do nascimento. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2014; 3- Pereira, R.R.; Franco, S.C.; Baldin, N. A dor e o protagonismo da mulher na parturição. *Rev Bras de Anestesiologia*. 2011; 61(3); 4- Odent, M. Pode a humanidade sobreviver à medicina? / Michel Odent; tradução Laura Uplinger, Izabel Aleixo - Rio de Janeiro (RJ): Instituto Michel Odent, 2016.